



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Literatura e Psicanálise: fascínio e horror na tetralogia napolitana
Autor	LIA AGUIRRE SILVEIRA DA ROSA
Orientador	SIMONE ZANON MOSCHEN

Título: Literatura e Psicanálise: fascínio e horror na tetralogia napolitana
Nome: Lia Aguirre Silveira da Rosa Orientadora: Simone Moschen
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Tomando como norte a indicação de Lacan de que “as criações poéticas engendram mais do que refletem as criações psicológicas” (Lacan, 1958-59, lição 04/03/1959), esta pesquisa parte da tetralogia napolitana, de Elena Ferrante, para investigar a relação entre o fascínio, o horror e o absoluto. A passividade, com sua dimensão de sujeição, é uma posição estruturante. E, como estado ausente de defesas, traz o risco, poderíamos dizer o perigo, de, em sua inscrição, estabelecer-se como posição unívoca frente ao Outro. Contudo, se pensamos a posição passiva como um tempo da estruturação, como um momento em que há abertura ingovernável ao Outro, esse momento demandará um trabalho de atravessamento, que permita ao sujeito submergir do mergulho (re)compondo-se da queda. O mergulho carrega sempre consigo o risco do afogamento; risco presente tanto no fascínio, quanto no horror e na mudez, elemento da imobilidade.

Investigaremos esses elementos a partir do trabalho de rememoração com destaque na figura de dom Achille. Nos quatro volumes que compõem a tetralogia napolitana, acompanhamos a amizade de duas mulheres, Elena Greco e Rafaella Cerullo, nascidas em um bairro da periferia de Nápoles marcado por um cotidiano de violência, do qual dom Achille se destaca como um ser que assume todas as formas e está em todos os lugares, pronto para recolher em uma bolsa preta aquilo que as meninas deixavam cair na boca escura do subsolo.

É à beira do subsolo que a queda se faz possível; esse lugar mítico, descrito como “belo e assustador, como qualquer coisa então” (Ferrante, 2015, p. 23). O lugar onde as personagens perdem suas bonecas, carrega, tal qual dom Achille, fascínio e horror.

Freud, no Projeto para uma psicologia (1996/1895), indica a quebra do absoluto como operação necessária ao estabelecimento da condição do pensamento. A alucinação (reativação da percepção do objeto de desejo) seria a base do aparelho psíquico e sua colocação em movimento dependeria da falha de identidade entre a percepção originária, inscrita como coisa, e a percepção atual. É na fenda aberta entre o objeto buscado e aquilo que é encontrado que o sujeito se constitui e, apenas a partir dela, que a inscrição de diferentes representações se torna possível, instaurando a cadeia metonímica do desejo.

Portanto, nos posicionamos ao lado de Kehl (2000) quando a autora sublinha que aquilo do que não podemos falar é do que mais falamos, sem parar. Lacan (2010/1954-55) aponta que a dimensão de nomeação da palavra cria a ausência, a partir da qual pode haver presença e ser. Sem ela, o irrepresentável não existiria. Kehl nos convoca a responder, diante de situações catastróficas, a um imperativo ético de alargamento das possibilidades de simbolização para que não nos afogemos no mar do irrepresentável, para que não sejamos levados pelo canto fascinante e horrível de suas sereias. Propomos que Ferrante, com sua escrita, tenta operar esse alargamento.

Referências:

- Ferrante, E. (2015). *A amiga genial*. São Paulo: Biblioteca Azul.
- Freud, S. (1996). *Projeto de uma psicologia para neurólogos*. In: Obras completas, Vol. III. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1895)
- Kehl, M. R. (2000). O sexo, a morte, a mãe e o mal. Em A. Nestrovski & M. Seligmann-Silva (Orgs.), *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta.
- Lacan, J. (2010). *O seminário Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1954-1955)
- Lacan, J. (2016). *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-59)*. Rio de Janeiro: Zahar.